

Patrimônio Cultural de Pernambuco



Pintura óleo s/ tela de Joaquim Nabuco por Baltazar



Engenho Massangana - Casa Grande

JOAQUIM NABUCO

Nilo Pereira

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo — JOAQUIM NABUCO — nasceu no Recife, num sobrado da rua da Imperatriz, em 19 de agosto de 1849.

O pai, o Dr. José Thomaz Nabuco de Araújo, Juiz de Direito, teve de mudar-se para a Corte e o menino foi entregue aos cuidados da madrinha Ana Rosa Falcão de Carvalho, em Massangana, onde passou os seus primeiros oito anos de idade, os “decisivos”, como ele chama no seu livro *Minha Formação*, no capítulo dedicado ao famoso engenho encravado no município do Cabo.

Foi em Massangana, aos oito anos, que ele recebeu um jovem negro de dezoito anos de idade, que vinha pedir asilo na sua casa, porque não suportava o tratamento que sofria com o seu senhor.

Nabuco travou, então, conhecimento com a instituição com a

qual convivia — a escravidão — mas da qual não tinha a devida percepção, pois que a sua madrinha quase mãe tratava os escravos humanamente.

Morrendo a madrinha, ele teve que ir para a casa dos pais, no Rio de Janeiro.

Em 1870, forma-se em Direito. Já havia sido advogado de escravos no Júrio do Recife, conseguindo a absolvição para cativos que, em desespero de causa, haviam cometido crimes.

Aos vinte anos de idade, estudante de Direito, regressa a Massangana. Visita os túmulos dos seus “santos pretos”, como chamou, comove-se diante daquele testemunho de renúncia e de bondade, e jura ser a vida toda um defensor dos cativos. Consagrou-se, assim, devotadamente, à causa dos escravos até à libertação final, em 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea, assinada pela

Princesa Isabel.

Nabuco não foi apenas um abolicionista, embora tenha sido essa a característica marcante da sua existência de lutador, de parlamentar, de jornalista, de tribuno, de poeta.

Foi também, como assinala Gilberto Freyre, um reformador social. Não era a Abolição pura e simples que ele desejava. Era uma espécie de reforma agrária — uma reforma social, além de econômica — que possibilitasse os libertos a continuarem o seu trabalho pela própria lei que lhes dava a alforria definitiva.

No Recife realizou, sempre ao lado de José Mariano, os seus principais comícios, as suas mais notáveis campanhas filiadas às idéias liberais, que iam ganhando terreno.

Foi deputado por Pernambuco várias vezes, até que, reeleito, quis o destino que ele assistisse,

ao lado de outro pernambucano ilustre, o Conselheiro João Alfredo, à Abolição dos escravos. Alteou-se como nunca perante a consciência libertária do Brasil e, naquele momento sublime, como afirmou José do Patrocínio, esculpia a sua própria estátua, parecendo que tinha já diante de si a posterioridade que lhe guardaria o nome para sempre.

A data do nascimento de Joaquim Nabuco é consagrada à cultura — DIA DA CULTURA PERNAMBUCANA — por proposta do Presidente da Academia Pernambucana de Letras, escritor Luiz Delgado, ao então governador Paulo Guerra, que, de pronto, aceitou o alvitre, convertendo-o em Decreto.

Isto porque Nabuco não foi apenas, repita-se, o paladino da Abolição, mas também o escritor, o jornalista, o poeta, o memorialista consagrado, que deixou em

Ac. 374022
Ex. 1
8950301

livros numerosos e nos jornais a chama do seu talento criativo, sempre a serviço dos mais nobres ideais.

Nabuco faleceu em Washington, no dia 17 de janeiro de 1910, como embaixador do Brasil nos Estados Unidos. Disse à sua esposa, apresentando a morte, que se o Brasil pedisse os seus ossos, ela não os poderia negar.

O enterro de Nabuco, no

Cemitério de Santo Amaro, no Recife, foi a consagração popular que ele merecia. A cidade toda veio às ruas e o acompanhou à derradeira morada, onde repousa em mausoléu de estilo, defronte ao túmulo do seu grande amigo e companheiro de jornada abolicionista José Mariano, que também foi Deputado por Pernambuco, jornalista e tribuno.

No estudo, que se segue, o

Nabuco analisado é o homem que volta à Fé. É a sua "reversão religiosa", como ele próprio chamou. Trata-se de uma visão, ainda que sumária, do seu encontro com a Fé que trazia de Massangana, um tanto misturada com as litanias dos escravos, rezadas na senzala, o "pombal negro", que ele recorda, comovido, no seu livro *Minha Formação*.

No Recife a nome legendário

do eminente brasileiro de Pernambuco é lembrado e fixado na FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, em que se transformou o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, criado pelo então Deputado Gilberto Freyre, em 1949, assinalando o centenário do nascimento do grande pernambucano, precursor de uma consciência trabalhista de que não se falava na sua época.



Estátua de Joaquim Nabuco na Praça Joaquim Nabuco

Elpídio



Fundação Joaquim Nabuco - Fachada Principal

Elpídio

JOAQUIM NABUCO E O SEU HUMANISMO RELIGIOSO

Nilo Pereira

A interpretação de Nabuco tem de envolver vários aspectos. Gilberto Freyre assinalou, de modo pioneiro, a importância do reformador social, que completa o abo-

licionista, o tribuno da escravidão, o parlamentar, o político, o jornalista, o poeta, o dramaturgo, o diplomata.

Na conferência proferida por

ocasião do centenário do grande brasileiro de Pernambuco e no discurso com que apresentou à Câmara Federal o Projeto criando o INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS, Gilberto Freyre, que só por essa iniciativa consagraria a sua passagem pelo Parlamento brasileiro, pôs em relevo esse homem que foi, a seu modo, um pesquisador social, um historiador de idéias,

além de político dotado de visão precursora dos fatos.

Para uma Fundação como essa nenhum patrono mais ajustado à sua natureza, ao estudo e à pesquisa do Norte e do Nordeste agrários, do que Nabuco, um aristocrata tão intensamente voltado para os que estavam abaixo de qualquer aristocracia, a não ser a da dignidade humana, que se conserva no íntimo de cada ser,

mesmo em regime de degradação servil: conserva-se pelo poder que tem o homem, em qualquer situação, de ser imagem e semelhança de Deus. E tanto mais imagem e semelhança quanto mais humilhação e ofendido.

Nabuco oferece uma riqueza de perspectivas que, tomadas em conjunto ou em parte, deixam ainda margem a que o biógrafo ou o exegeta possam descobrir nele aspectos impressentidos. Um desses aspectos — o homem interior, que não é estudado como o tribuno que enfeitava multidões precisamente porque ele escapa à cenografia das consagrações populares. Ou às oscilações dos Partidos. Ou às contingências da vida social. Ou às críticas mordazes que, na época, por pouco não o desfiguraram inteiramente.

Quase não o queremos fora do tumulto das ruas, defendendo os escravos ou pleiteando eleições. Dir-se-ia que o Nabuco clássico, olímpico, é o Nabuco completo. Quando muito, a sua infância em Massangana suscita um interesse quase lírico no qual se conforma a sua figura de pequeno príncipe mimado pela madrinha Ana Rosa Falcão de Carvalho.

Ele, porém, não consentiria que essa moldura inevitável fosse a única. E num livro famoso — que está em germe no capítulo sobre Massangana, em MINHA FORMAÇÃO —, nos dá outra imagem nabuqueana da vida: a sua meditação religiosa.

Passaram os anos. O homem público — abolicionista e reformador social, esteticista do melhor estilo renaniano — podia ter saudades não da escravidão, mas dos escravos, das suas litânias religiosas na senzala, das orações da infância. Era o caminho de volta que, serenamente, abria ao seu espírito lúcido e penetrante, refugiado numa solidão oratoriana, de onde sairia um Nabuco que parece fugir ao brilho do mundo para ser um crente — quase um teólogo — num trabalho de prospecção espiritual que não é menos poderoso, como força criadora, do que aquele outro que lhe dera fama e glória: o da libertação daqueles a quem chamou os seus “santos pretos”.

PERSONALIDADE PLURAL

A personalidade de Joaquim

Nabuco estaria incompleta se o pesquisador, o historiador das idéias, o crítico não atentasse bem no pensador religioso, que, voltando à fé, escreve um livro de profunda e comovente meditação.

Não falo de “Conversão”. O que houve, repita-se, foi uma volta à fé. Renan conseguiu apenas, com a sua estesia literária, que a fé continuasse adormecida no espírito do grande brasileiro de Pernambuco. Havia entre Nabuco e Renan um abismo que se aprofundou: a humanização de Jesus.

Para voltar à sua divindade, Nabuco sentiu o impulso interior e confessou-o com a humildade intelectual que a ciência ajuda, quando a alma humana — “naturalmente cristã”, como diz Tertuliano — se dispõe a procurar a verdade e o absoluto.

Nabuco é uma personalidade plural feita de várias singularidades. Dele resta na memória do povo e da História o abolicionista, o tribuno das ruas, a mágica comunicação da sua figura hierática, que fascinava multidões. Bastava isso para que a causa que abraçara — a defesa dos escravos — imprime-se ao movimento a grandeza quase olímpica duma oração na acrópole, que, no caso, tantas vezes foi para ele o Teatro Santa Isabel.

Mas além desse abolicionista, que ficou na memória do povo e da História, que campeia na estátua em atitude de dominador de massas, ou nos retratos que consagram nele uma espécie de doação dos deuses aos homens comuns, além de tudo isso está um homem recolhido, silencioso, meditativo, introspectivo, que se refugia em si mesmo para a reflexão das coisas infinitas. É um aspecto quase imprevisível na personalidade de Nabuco, tão grande nesse silêncio oratoriano — em país paradoxalmente protestante — quanto no rumor esplendidamente retórico — retórico no melhor sentido da expressão — dos grandes momentos da Abolição e do Parlamento.

EVANGELHO CÍVICO

O Nabuco que pretende estudar é talvez um Nabuco pouco conhecido. Ou pouco valorizado. Ou mesmo de menor interesse para a História. O que sabemos

dele é a sua luta épica em favor dos escravos.

Na praça pública e no Parlamento sua figura apolínea se alteia como um semi-deus, cuja palavra inflama o povo e leva a opinião pública a refletir sobre os destinos da raça ofendida. Vai da aristocracia ao povo, assim como Machado de Assis foi do povo à aristocracia das letras — assinala Graça Aranha. Nem por isso deixou de ser um dos grandes do Império, como foi o pai, o Conselheiro Nabuco de Araújo. Sua pregação em favor da liberdade era um evangelho cívico. E, no final, quando a libertação dos escravos se fazia, ele próprio, agigantando-se no Parlamento, esculpia a sua própria estátua, como disse José do Patrocínio.

Era extraordinário, nesse momento, nessa apoteose. A natureza lhe havia dado todos os dotes para que ele fosse, nessa hora histórica, a síntese de uma nação e a glória dum povo.

UM NABUCO INTERIOR

Trato, hoje, dum Nabuco interior, reflexivo, que volta à fé, que sente no íntimo da sua alma o desejo, a ânsia do infinito, que descansa de tantas lutas do espírito na paz sobrenatural do absoluto.

Ele é o patrono da cultura pernambucana por sugestão da Academia Pernambucana de Letras, o que cabe aqui dizer para acentuar a universalidade do seu espírito que se projeta em tantas inquietações.

Homem universal, realmente, não lhe faltaria a perspectiva religiosa, a solidão em meio ao rumor do mundo, e onde, como diz Thomas Merton, o silêncio é o pai da palavra.

Agora, ele está em silêncio diante do altar, em Brompton, na Inglaterra. Seu espírito deixa o feitiço renaniano pela beleza da liturgia e do canto. Renan lhe falaria duma fé perdida. Mas, agora, o menino de Massangana ouve os cantos e as rezas da infância. E se a casa-grande lhe fala pela oração, a senzala lembra o canto negro da saudade e da esperança.

O livro em que Nabuco conta a sua volta à fé é *Foi Voulue — Mysterium Fidei*, editado pela

Universidade de Provence — Aix en Provence, 1971, texto de Claude-Henri e Nicole Frèches. Logo na introdução, explica Claude-Henri Frèches: “A leitura de Renan lhe faz perder a fé. Sua admiração por Chateaubriand incentiva nele a religiosidade”.

Escreveu em francês o livro das suas reflexões religiosas, como em francês escreveu *L'Option* e *Pensées Détachées* e o capítulo sobre Massangana, que inicia o *Foi Voulue*. Em tudo está o mistério da sua infância, “o traço todo da vida”.

A VERDADE ABSOLUTA

O canto que ouviu na solidão oratoriana de Brompton, na Inglaterra, há de lhe ter despertado as mesmas emoções que as litânias dos escravos em noites místicas. Voltava à fé, como voltava vez por outra à saudade do escravo, depois de extinta a escravidão.

“Vem o dia — escreve ele — em que, como a planta que procura o sol para não morrer, experimentei a necessidade quase física de me voltar para a verdade absoluta. Estava cansado da perpétua incerteza que fazia descrever no meu espírito oscilações dum afastamento incalculável”.

Ao escrever, em francês, um livro quase de teólogo, ainda seria, segundo Claude-Henri Frèches, uma homenagem a Renan, pois que, “paradoxalmente, o discípulo lhe deve a ressurreição da sua fé confirmada pela ciência”. Chegava, afinal, a Nabuco aquilo que Bergson chamou “um suprimento de alma”.

INFLUÊNCIA DE RENAN

Nesse livro, que termina sendo uma renegação do racionalismo e do liberalismo religioso em que andou mergulhado, não nega — antes reafirma — a influência de Renan. Escreve de modo incisivo: “Das influências literárias que sofri, nenhuma igualou a de Renan”.

O que ele encontrava, na idade madura, era o que chamou “minha sensação de juventude”. Mas, entre ele e o escritor francês estava a divindade de Jesus. A influência se exercia pela magia do estilo.

“Seu Cristo — escreve Nabuco — se eu o analiso hoje, é um anacro-

nismo ingênuo de sábio e de artista, que se substitui a si mesmo sem o sentir, e idealizando-se fortemente, no personagem que ele quer restaurar”.

A verdade é que passados os anos, o conflito entre o literário e o estético, de um lado, e o religioso e o teológico, do outro, se estabeleceu. Havia um recurso para isso: sair da estesia literária para o plano de criação divina, que é o plano do mistério. Mas seria um itinerário lento; e quanto mais lento, mais seguro. Seria a reflexão do homem que se havia deslumbrado pelo mundo da criatividade artística — ele próprio dotado de tantas qualidades e versatilidades que não era fácil escolher logo o seu caminho, isto é, passar do simples humanismo literário para o humanismo religioso, para a verdade absoluta em meio a tantas verdades relativas que o seu espírito debateu, e tantas doutrinas em que se deixou enredar.

Jamais duvidou de Deus. Nesse ponto a sua afirmação é categórica ao estudar, detidamente, o problema da evolução, um dos mais interessantes e sugestivos para o seu espírito. Assim escreve: “como nunca duvidei de Deus, a teoria da evolução não fez definitivamente para mim senão alargar materialmente a órbita que ele percorre com as suas duas asas, o infinito e a eternidade”.

Não esquecia, porém, de acrescentar que, “acima de todas as hipóteses físicas, planejará sempre a hipótese moral, isto é, Deus”.

CIÊNCIA E REVELAÇÃO

Nabuco se debatia entre a ciência e a revelação. Aceitava a evolução, mas não enquanto simples transformação animal, porque nisso não intervinha o princípio moral. Deus estava presente a tudo. E com isso queria dizer claramente — e esta é uma das tônicas do seu livro — a ciência não repele a fé; harmonizam-se. E a prova é que nos seus capítulos, nos quais se sente uma grande ânsia quase pascaliana de Deus — um dos seus afãs é provar a existência de Deus não tanto pelos argumentos de teodicéia, mas pelo próprio sentimento. E pergunta de modo muito

lógico: “Primeiramente, se Deus não existisse, por que esse sentimento teria brotado na alma humana? Se não houvesse nada — indaga ainda — além da terra, tendo uma relação conosco, por que a angústia dessas mesmas relações? Deus teve uma tão grande parte na vida humana, que deve ocupar sozinho um grande compartimento no nosso cérebro!”

O ABSOLUTO

As perguntas, podendo parecer triviais, mesmo feitas por um Nabuco, demonstram que há algo, na natureza humana, que nos leva ao absoluto, a crer mesmo em princípios e causas que fazem parte, quase instintivamente, do nosso universo. E a conclusão, ou a resposta, é Nabuco quem dá: “Suprimí Deus e tereis espalhado sobre a própria luz o luto da morte. Aumentai, pelo contrário, no vosso coração a intensidade, a evidência divina: a morte desaparece do universo e se torna a crisálida da vida eterna que está em Deus”.

GÊNIO ESPECULATIVO

Nota-se, a cada passo, que Nabuco, nesse livro, tão voltado para dentro de si mesmo, aparece com um gênio especulativo.

Estima que as dúvidas ressurgam — as dúvidas da juventude — para que ele possa procurar na teologia, na filosofia, na ciência, os esclarecimentos que agora, com o espírito tocado pela graça divina, surgem nítidos e penetrantes como verdades reveladas. A inteligência se encontra no mundo abissal do espírito humano, na explicação do próprio homem.

“Ora — escreve Nabuco — Se Deus não existisse, o homem não se sentiria mais responsável. A questão principal para ele, a de saber se é alguém, está estreitamente ligada à questão de Deus. O pessimismo requintado quer que a vida seja um papel, mas o homem sentiu sempre que é uma realidade”.

Como trazemos em nós a ânsia do mistério, Nabuco resume tudo nesta frase: “Não há senão Deus que possa aplacar a sede do infinito”.

Terá com isso posto o ponto

final no drama da alma humana, que procura as coisas invisíveis, impressíveis, e não se satisfaz com o que é visível, com o mundo sensorial e físico, porque alguma coisa, no seu ser, na essência da sua natureza, fala, intimamente, dessas evidências que ficam além de nós mesmos e que só podem provir do sobrenatural, isto é, daquilo que se superpõe à nossa natureza contingente e pobre.

Esse Nabuco religioso, especulativo, surpreende a muitos que enxergam nele o homem de tantas outras atividades, de tantas dimensões. Na sua apologia da liberdade, que é o capítulo de ouro na sua vida, a glória do orador e do parlamentar, ele próprio já feito uma estátua humana, apolínea, após tantas vitórias e consagrações — talvez houvesse, sem que ele sentisse ou confessasse, o profundo sentimento cristão de quem, enfeitado por Ernesto Renan, não pudesse esquecer que os problemas humanos estão ligados ao sentimento de Deus. Isso seria apenas um resíduo da sua formação matriarcal; mas no seu coração — por mais que ele parecesse simples esteta ou homem do mundo tão satirizado por adversários — devia haver um resquício de fé na destinação da criatura humana, principalmente se ela gemia na escravidão o seu atroz castigo. A sua dantesca condenação. E não se pense que isso é dito ao acaso, pois Nabuco acentua muito bem: “Se nunca tivesse havido liberdade, nunca teria havido o mal, mas também nunca teria havido o bem. O fato essencial, evidente, é que o homem, se não se tivesse criado livre, não seria senão o prolongamento duma vontade, um autômato em vez duma pessoa”.

Eis o que é uma pessoa: o fruto da liberdade bem entendida. O pensador expõe tranquilamente a sua idéia e em torno dela tece o seu sistema, a sua concepção de vida. O seu humanismo.

O PENSADOR RELIGIOSO

Não bastaria a um pensador religioso, já convicto da existência essencial do mistério, que houvesse Deus. Não seria apenas com essa idéia que se estaria praticando uma religião. Nabuco é admirável

no estudo dessa relação Deus-Religião.

“Ora — diz ele — não há verdadeira religião sem a consciência de que Deus e o homem estão em relação contínua de atração. Essa consciência é o ato religioso elementar; sem ela, a simples gratidão para com o Criado reconhecido não seria, apesar da sua grande clarividência da noção causal ou de Deus, senão um fenômeno de inconsciência moral”.

A NOVA LINGUAGEM

Não fala assim apenas um pensador religioso, mas um teólogo, um homem que vê além da vida — uma outra vida, da qual logo a seguir se ocupa.

Em Londres, começam as meditações que se intitulam “Do sentimento religioso ao Cristianismo”. Seu espírito é conduzido para verdades mais profundas. A impressão que nos dá é a de que a glória do mundo — tantas vezes alcançada — não lhe basta à insatisfação interior.

Quando começou a freqüentar a igreja — lembra comovidamente — estava na Inglaterra. A igreja “não tinha verdadeiramente para orná-la senão a manutenção da assembléia, o coro angélico das crianças e a maravilhosa execução da liturgia. Era o bastante para encantar a sua alma. Escreveu então: “À medida que compreendo essa nova linguagem, a Missa me parecia de mais a mais uma obra-prima sem preço”.

RENAN E OS EVANGELHOS

É por ali que começa a compreender a vida de Jesus. E frisa bem, ainda uma vez lembrado de Renan, a cuja influência estética sempre está voltando como quem busca nas harmonias perdidas uma sinfonia vagamente religiosa.

E diz: “Se Renan, por exemplo, no momento de começar a sua vida de Jesus, tivesse recebido o impulso da fé e não da dúvida, isto é, a humildade de espírito que aceita em lugar da independência do coração que desafia, teríamos tido, com as mesmas paisagens, o mesmo horizonte, as mesmas gentes e num estilo mais doce e mais transparente ainda, a mais completa concordância com os Evangelhos”.



Nascisse

Engenho Massangana - Casa Grande e Capela

A HISTÓRIA DO CRISTIANISMO

Bastava reconhecer que o Jesus de Renan não concorda com os Evangelhos para que o primeiro passo tivesse sido dado com a esperança de encontrar o absoluto onde o "bicho de seda da prosa francesa" havia posto o relativo. E, já agora, o que vai interessar a Nabuco é a própria História do Cristianismo, pois, assim, ele se está apercebendo da marcha do espírito humano através dos tempos até concluir que tudo é a mesma fé que remove montanhas e que o Espírito Santo sopra onde estiver.

A IDADE-MÉDIA

Sem preconceitos históricos tão do seu tempo, afirma: "O Cristianismo na Idade-Média não é senão um ideal que impede a juventude humana de se degradar, que mantém a superioridade do

Ocidente mesmo sem cultura sobre o Oriente culto, que preserva a dignidade da alma em formação". E acrescenta: "Não foi o Cristianismo que fez as trevas da Idade-Média; pelo contrário, ele fez a luz".

O CULTO DE MARIA

Daí por diante a sua fé se entretece cada vez mais dos argumentos da Teologia e da História, mas não falta a Nabuco, nessa peregrinação de volta, uma doce poesia, como quando explica o culto de Maria: "O culto da Virgem deve ter se formado, no começo, das lágrimas daqueles que tinham necessidade de adoçar a Deus".

O REPOUSO INTELECTUAL

Esse livro — Foi Voulue — é de profunda especulação. Através

de tantas indagações e meditações, Nabuco encontra não o misticismo, mas o repouso intelectual, "que é a primeira condição da alma para poder refletir a Deus", na sua própria expressão. Passou da dúvida à certeza com a consciência de um homem que atinge com isso a plenitude do seu ser.

Um Nabuco pouco conhecido, esse. A maturidade lhe dava a segurança dos passos que o espírito abria à incompletude da sua inteligência, que tanta coisa tinha feito, mas não havia ainda chegado, lúcida e repousada, à integral aceitação do divino e do eterno, que era o seu achado metafísico. Brompton seria o seu derradeiro cenário duma luta íntima, que por vezes se esmaecera, assim como Massangana havia sido o primeiro, pela vida toda.

A SERVIDÃO QUE LIBERTA

O pensador religioso não é menos sugestivo, profundo e

transparente do que o pensador político. Ele alcança os abismos da alma humana; e sua luta é sempre pela liberdade. O cativo dos negros foi a sua apoteose da liberdade ofendida e exaltada. Já nos últimos anos de vida, meditando sobre o destino do homem e sobre o seu drama religioso, chegou à conclusão de que há um cativo que é liberdade: o da fé. E fez-se servo de Deus como na mocidade fora servo dos servos. Num caso, a servidão que degrada a condição humana; no outro, a servidão que liberta, o mais suave dos jugos.

A VOLTA MISTERIOSA

Ele viveu para cantar a liberdade. Libertando os cativos, libertou-se a si mesmo, quando foi o tempo de cuidar da sua liberdade interior e de ver mais claro nas obscuridades do espírito atormentado pelo que então se chamava "as luzes do século" e eram realmente só do século, assim como o

“despotismo esclarecido” era esclarecido só para o despotismo. Cantou a liberdade: a dos outros e a sua própria. Chegou às grandes evidências humanas. Deus lhe abriu todas as portas que fizeram da sua alma o heroísmo de todas as lutas — umas que foram do tribuno e do político e outras — as invisíveis — que o levaram ao silêncio e à humildade, onde o mistério fala aos homens e a música desce do coro de anjos e a alma se esconde na solidão para falar ao Infinito.

No seu livro *Minha Formação* diz Nabuco: “Em 1891, minha maior impressão é a morte do Imperador. De 1892 a 1893 há um intervalo: a religião afasta tudo mais, é o período da volta misteriosa, indefinível da fé, para mim verdadeira pomba do dilúvio universal trazendo o ramo da vida renascente”.

O REENCONTRO

Renascia, assim, o homem interior. E esta página ainda é de amor à liberdade e à paz da alma inquieta que viveu o drama da escravidão.

Se foi grande diante dos homens oprimidos, foi ainda maior no seu reencontro com Deus, completando a infância em Massangana, onde um menino abriu o caminho ao lutador da justiça e à serena e desejada volta à fé, que adormeceu para acordar mais forte e mais lúcida. Mais fé e mais infância. Massangana na liturgia do Oratório.

Em conferência proferida em 6 de julho de 1969, a escritora Carolina Nabuco disse: “Guardo a mais nítida lembrança de sua serenidade, de sua ausência total de espírito de negação e de con-

denação. Além de ser consequência do juízo benevolente para o qual ele tendia a respeitar homens e coisas, essa serenidade vinha-lhe em grande parte da religião. Voltara à fé de sua infância, perdida como estudante superior. Eu, portanto, só o conheci totalmente católico — não na prática seguida dos Sacramentos (que era aliás pouco corrente daquela época), mas na fidelidade à Missa e à oração. Rezava a qualquer momento. Lembro-me dele nos passeios de carro tirando o Rosário do bolso para rezar. Sabia de cor muitas das orações. Tinha especialmente predileção pelo *Te Deum* e o *Magnificat*, ambos hinos de gratidão.

A VIGÍLIA DE DEUS

Esse depoimento da filha e biógrafa ilustre confirma a volta

que chamo oratoriana à fé. A conferência pronunciada nesta Fundação, publicada no livro *Oito Décadas — Memórias* — Livraria José Olympio, 1973, é o testemunho misticamente filial coroado pelas palavras que Nabuco escreveu no seu Diário e que são estas: “Deus seja louvado por não poder eu ver sua bela cena, um belo dia, sem que a primeira tecla ferida em meu espírito seja o do reconhecimento da criatura pela bondade do criador que lhe oferece mais esse espetáculo”.

Não há beleza maior do que essa gratidão, que é a vigília de Deus na alma que se projeta no absoluto, sob a luz radiosa da sua vitória interior, que dispensava o tribuno para consagrar na voz solitária do retorno o menino da casa-grande restituído à fé e às litanias da senzala.



Engenho Massangana

Nascimento